

## **ATIVISMO PEDÓFILO: BREVE HISTÓRICO E REIVINDICAÇÕES**

**WENDELL RIBEIRO:** Bacharel em Direito; Especialização em Direito Penal e Processual Penal; Direito da Criança, do Adolescente e Políticas Públicas.

1

**RESUMO:** O ativismo pedófilo é um movimento político-cultural na busca da legitimação do que eles mesmos denominam de “amor intergeracional”, um eufemismo para o relacionamento sexual pedofílico, ou seja, entre adultos e crianças. Os pedossexuais compreendem que a sociedade é organizada para oprimir todos aqueles que se desviam de sua estrutura conservadora (leis; tabus sexuais; crenças religiosas e outros fatores socioculturais), nessa perspectiva se enxergam como um grupo oprimido e estigmatizado. Esse movimento cujas origens remontam ao início da década de 1950 se desenvolve de forma silenciosa, porém consistente no seio da sociedade até hoje, apesar dos reveses que sofreu. O avanço dessa agenda traz como consequência lógica um grave risco para as crianças e para a sociedade caso não seja combatida por todos os meios necessários, todavia, esse enfrentamento só pode ser travado caso tenhamos conhecimento consistente para identificar os atores, meios de ação, estratégias, reivindicações e outros aspectos relevantes. Através de uma pesquisa exploratória e documental, no presente artigo o nosso objetivo precípua é apresentar um breve histórico e algumas das reivindicações do movimento como forma do conhecimento básico para começar a compreender e enfrentar o assunto.

**Palavras-chave:** Ativismo pedófilo. Pedofilia. Pedossexualidade. Sexualidade Infantil. Abuso sexual infantil.

### **PEDOPHILE ACTIVISM: BRIEF HISTORY AND CLAIMS**

**ABSTRACT:** Pedophile activism is a political-cultural movement seeking to legitimize what they themselves call “intergenerational love”, a euphemism for pedophilic sexual relationships, that is, between adults and children. Pedosexuals understand that society is organized to oppress all those who deviate from its conservative structure (laws; sexual taboos; religious beliefs and other sociocultural factors), in this perspective they see themselves as an oppressed and stigmatized group. This movement, whose origins date back to the early 1950s, develops silently but consistently within society to this day, despite the setbacks it has suffered. The advancement of this agenda brings, as a logical consequence, a serious risk for children and society if it is not fought by all necessary means, however, this confrontation can only be stopped if we have consistent knowledge to identify the actors, means of action, strategies, claims and

---

<sup>1</sup> e-mail: wendellribeiro@protonmail.com

other relevant aspects. Through an exploratory and documental research, in this article our main objective is to present a brief history and some of the claims of the movement as a form of basic knowledge to begin to understand and face the subject.

**Keywords:** Pedophile activism. Pedophilia. Pedosexuality. Infantile Sexuality. Child sexual abuse.

## 1 INTRODUÇÃO

Grupo holandês que defende a pedofilia cria partido para disputar as eleições e combater os tabus e a intolerância (COUGHLAN, 2006); Estudo aponta que o Partido Verde da Alemanha apoiou demandas pedosexuais em seu programa político entre os anos 1970 a 1980 (ROGERS, 2014); Ainda no mesmo país, veio à público o chamado “Experimento Kentler” conduzido pelo psicólogo e pedagogo Helmuth Kentler com o apoio e financiamento do Senado de Berlin, onde por mais de trinta anos crianças e jovens foram colocados sob a tutela de homens sabidamente pedófilos para combater o preconceito e provar que eles também poderiam ser pais amorosos (GOLDENBERG, 2020); Um professor de Ética da Universidade Metropolitana de Oslo, na Noruega, em artigo pediu a legalização da pornografia infantil e que a pedofilia seja ensinada nas escolas como uma orientação sexual pondo fim ao estigma existente pela pessoas atraídas sexualmente por crianças (GLUCK, 2022).

Quando um fato similar aos exemplos citados no parágrafo anterior aparece no debate público, a incredulidade, a revolta e condenação são manifestações comumente observáveis. Ocorre que, em geral, a superficialidade com que as questões são expostas, não dão a dimensão da gravidade do problema que está diante dos olhos.

Enquanto os órgãos de persecução penal de forma justificável se preocupam e gastam uma quantidade imensa de recursos humanos e tecnológicos para combater a pornografia infantil na internet e outras formas de exploração sexual contra crianças e adolescentes, há um movimento político de ativistas sexuais que, desde longa data, trabalha em sentido contrário e segue crescendo silenciosamente sem a devida oposição da sociedade. É o que se denomina de ativismo pedófilo.

Esse movimento tem uma agenda global, ícones intelectuais e acadêmicos obstinados que lhe dá suporte com base em fundamentos supostamente científicos da psicologia, psiquiatria, filosofia, sociologia, criminologia, etnografia, etc., todavia, a falta de conhecimento tecnicamente embasado sobre tema, a identificação de seus atores e estratégias, vem permitindo um lento, porém consistente avanço em direção à normalização do que eufemisticamente eles denominam de “amor intergeracional”.

O sucesso dessa agenda sexual liberal sem dúvida trará consequências deletérias à infância e a toda sociedade, entretanto, não se combate aquilo que é desconhecido ou ignorado. É nesse contexto, que se faz necessário e urgente o devido

conhecimento sobre o fenômeno, posto que, como qualquer ideologia nefasta, a batalha será perdida sem que as armas e estratégias do inimigo sejam conhecidas e expostas. Apresentar uma visão inaugural sobre esse movimento é o objetivo principal deste trabalho.

Segundo a classificação de Prodanov e Freitas (2013, p.126-128), quanto à natureza, nosso trabalho se reveste da característica de uma pesquisa aplicada (“procura produzir conhecimentos para aplicação prática dirigidos à solução de problemas específicos”) e fenomenológica quanto ao método (“preocupa-se em entender o fenômeno como ele se apresenta na realidade. Não deduz, não argumenta, não busca explicações [...] satisfaz-se apenas com seu estudo, da forma com que é constatado e percebido no concreto”); exploratória quanto aos objetivos (“visa a proporcionar maior familiaridade com o problema, tornando-o explícito”); documental quanto aos procedimentos (“utiliza materiais que não receberam tratamento analítico”) e; por fim, é qualitativa quanto a abordagem, ou seja, “o ambiente natural é fonte direta para coleta de dados, interpretação de fenômenos e atribuição de significados”.

O ponto de partida para o levantamento das fontes foi a biblioteca on-line do IPCE - *International Pedophile and Child Emancipation* [Movimento Internacional de Emancipação de Pedófilos e Crianças], que possui imensa quantidade de artigos, livros e outros documentos meticulosamente organizados (por assunto e autor) que proporcionaram mergulhar em profundidade no histórico e teses desenvolvidas por esses ativistas sexuais ao longo dos tempos (IPCE, 1997c, p. on-line).

Como critério de inclusão, especialmente para a descrição do histórico, selecionamos obras de atores envolvidos no período inicial, ou seja, aqueles que representam o estágio embrionário do movimento, o que podemos chamar de primeira onda, excluindo do rol a sua nova face, o “*MAP Movement*” (*Movement Minor Attracted Person*) ou Movimento de Pessoas Atraídas por Menores (NEWGON, 2022, p. on-line), que poderá ser estudado posteriormente no caso de investigações sobre as mudanças no desenvolvimento e nas estratégias.

Para alcançar nossa finalidade o desenvolvimento está subdividido em cinco subtópicos que, se inicia com a necessária definição sobre as várias visões do conceito de pedofilia e pedófilo, deixando claro que no presente estudo os termos são utilizados na visão dos pedoativistas, ou seja, como uma orientação sexual; em seguida expomos as motivações de suas demandas políticas, seus meios de ação, bem como, no que consiste o pedoativismo. A terceira parte é onde são mostrados os fatos históricos que remontam à origem do movimento, seus atores e meios utilizados para sua formulação; a quarta e quinta parte, respectivamente, finalizam o trabalho listando alguns dos grupos de pressão (organizações pedófilas) formados ao longo do tempo e algumas de suas teses e reivindicações que representam o eixo central na ideologia do movimento que estão fartamente registradas em suas publicações.

## **2 ATIVISMO PEDÓFILO**

### **2.1. DEFINIÇÕES DE PEDOFILA E PEDÓFILO**

Etimologicamente a palavra pedofilia tem origem grega derivada de "*paidos*" que significa criança e "*filia*", amizade, atração ou amor (WILLIAMS, 2012, p. 9), por conseguinte, pedófilo corresponde ao adjetivo para designar aquele que gosta ou ama crianças.

Sob a perspectiva da psiquiatria, é um subtipo de parafilia, denominado tecnicamente de "transtorno pedofílico", caracterizado pelas "fantasias sexualmente excitantes, impulsos sexuais ou comportamentos intensos e recorrentes envolvendo atividade sexual com criança ou crianças pré-púberes" (APA, 2014, p. 687 e 698). Criminalmente, quando um adulto percorre todo o *iter criminis* e sai da fase de cogitação para a de execução desses impulsos e fantasias, temos, então, uma conduta criminal punível no Brasil e em grande parte dos países.

Pelo senso comum, o termo é visto como uma perversão, uma bestialidade, algo antinatural, dada absoluta incompatibilidade sexual. Há uma mescla de fatores psiquiátricos e criminais, acrescido de uma falha moral destoante do homem médio. O pedófilo, nesta perspectiva, é um criminoso em potencial pronto a abusar de uma criança assim que tiver a chance de fazê-lo, movido pela degeneração moral, traço marcante da sua personalidade.

Como veremos adiante, para os pedoativistas, a pedofilia ou pedossexualidade são expressões sinônimas que denotam uma orientação ou preferência sexual, todavia, ao invés de ser orientada para o gênero, o desejo sexual se direciona para a idade e os aspectos físicos e psíquicos que são peculiares da infância. O pedófilo é alguém que experimenta atração sexual ou "romântica" por pessoas abaixo da idade de consentimento local (NEWGON, 2022, p. on-line; B4U-ACT, 2020, p. 6).

### **2.2 AS MOTIVAÇÕES E OS MEIOS DE AÇÃO**

Para os dois maiores expoentes do movimento pedófilo organizado, o psicólogo holandês Frits Bernard [1920-2006] e o advogado Edward Brongersma [1911-1998], os pedófilos são um grupo sexual oprimido, uma minoria sexual, por isso, tem o direito viver a sua sexualidade como qualquer indivíduo. As estratégias, teorias desenvolvidas e a escala de valores do movimento põem estas pessoas como vítimas de um sistema social opressor que os estigmatiza por se desviarem da norma vigente composta por leis antisssexuais e repressivas; valores morais conservadores; tabus sexuais; crenças religiosas e outros fatores socioculturais, deste modo, possuem o direito se organizar politicamente para lutar contra a tirania da maioria conservadora que não os aceita e os enxerga como aberrações, um mal a ser eliminado social e até mesmo fisicamente sem que ninguém se importe. A organização pedófila NAFP – *Norsk Arbeidsgruppe for*

*Pedofili* [Grupo de Trabalho Norueguês para Pedofilia], fundada no início dos anos de 1970, contextualiza e define o tema da seguinte maneira:

Todos que são pedófilos, mais cedo ou mais tarde, serão confrontados com as atitudes da sociedade em relação a nós. Essas atitudes foram e são negativas, principalmente depois que as leis sobre a idade sexual mínima surgiram em meados do século XIX. Daí a necessidade de lutar por direitos, igualdade e respeito na sociedade.

Direitos são direitos políticos. É a luta contra as leis que, por princípio, proíbem a prática sexual pedófila. É a luta contra a discriminação legal. A igualdade é uma questão de poder ser considerado como um ser humano em pé de igualdade com os outros, e de não pertencer a um grupo específico com as mesmas características negativas. E isso é respeito, o direito de ser livre e aberto sobre quem você é, sem que isso seja recebido com medo, ódio ou sanções.

Ativismo pedófilo é política. É política tanto no sentido tradicional, ao tentar influenciar os processos de governança na sociedade, suas leis e regras, mas também no sentido de criação de atitude, trabalhando para que a sociedade aceite a nós e nossa sexualidade. O ativismo pedófilo é informação e informação factual sobre sexualidade, bem como o desenho de diretrizes aceitáveis para o comportamento sexual.

O ativismo pedófilo também pode ser uma conscientização e apoio entre os pedófilos. Mas eles não são puros grupos de apoio, onde você recebe ajuda para lidar com problemas pessoais ou legais.

O ativismo pedófilo não é o direito de fazer sexo com crianças. Não há tentativas organizadas de obter contato sexual com crianças. Não existem "anéis de sexo" ou redes que tentam realizar atos sexuais. Não há troca de pornografia infantil.

O ativismo pedófilo é um trabalho exteriormente político, onde o próprio objetivo da atividade é a abertura, a obediência e o cumprimento da lei, a fim de mudar as leis e as atitudes da sociedade. (NAFP, 2010, p. on-line, tradução livre)

O complemento da argumentação vai no sentido de que o movimento também é um defensor da liberdade sexual das crianças, lhes dando a voz que a sociedade nega.

Pode ser que “ativismo pedófilo” seja um termo ligeiramente enganoso para esse tipo de atividade política, porque sugere que os únicos interesses são a sexualidade e a discriminação dos adultos. As crianças não têm as mesmas oportunidades de apresentar o seu caso. Eles não defendem seus próprios direitos. Este é o dilema. As crianças não têm voz, e isso significa que algumas podem nos questionar se tentarmos falar por elas.

O ativismo pedófilo é, portanto, uma questão de trabalhar pelos direitos das crianças e criar uma visão melhor delas na sociedade. É fazer as crianças falarem, mas sem decidir o que elas devem dizer. É torná-los indivíduos com voz própria, e aceitar a consequência de que nem sempre concordam com os adultos. (NAFP, 2010, p. on-line, tradução livre)

Nesse sentido, Frits Bernard, asseverou que “somente quando a sexualidade das crianças for aceita como uma realidade, uma realidade positiva, os contatos entre elas e os adultos deixará de ser sempre considerados negativamente” e conclui que “com a aceitação da sexualidade infantil como um fato, o rótulo pedofilia cairá em desuso, tanto como diagnóstico médico quanto na terminologia jurídica” (BERNARD, 2002, p. 9).

Os mecanismos políticos utilizados pelos pedoativistas na busca de seus “direitos”, se inserem naquilo que o cientista político Gene Sharp chama em seu best-seller, “Poder, Luta e Defesa” de “ações não violentas”, entendendo-se por elas, o conjunto de práticas destinadas a exercer poder e lograr êxito na transformação social que esperam, entre elas: formação de grupos de pressão (lobbying) sobre parlamentares ou a favor ou contra um projeto de lei que venha de encontro aos seus interesses; criação de slogans; caricaturas e símbolos; bandeiras; cartazes; pichações; folhetos; panfletos e livros; jornais e revistas; declarações formais (mensagens de manifestação ou de apoio, manifestos públicos assinados, petições, abaixo-assinados de grupo ou massa); caminhadas; marchas; passeata, etc.(SHARP, 1983, p. 169-174).

O ativismo pedófilo ou pedoativismo é, enfim, um movimento político-cultural que se manifesta a partir de um conjunto de ações desempenhadas por pessoas ou grupos que realizam a defesa, propagação, argumentação favorável ou relativista e, todo gênero de manifestações públicas de forma explícita ou sub-reptícia em prol do relacionamento erotossexual livre entre adultos e crianças ou ainda, da inclusão destas, no mercado sexual, visando a alteração da percepção social (pela cultura), para num segundo momento gerar alterações nos instrumentos legais de cunho protetivo.

### **2.3 AS ORIGENS DO MOVIMENTO**

Frits Bernard foi um Psicólogo clínico holandês, membro do conselho de diretores da Associação para o Avanço da Pesquisa Científica Social sobre Sexo, Düsseldorf (Alemanha); membro da Sociedade Alemã de Pesquisa Sexual, (Frankfurt); membro do conselho de diretores da Associação para Sexualidade Humana (AHS), Berlim; consultor da Associação Holandesa para a Reforma Sexual, Haia; e membro da Associação de Sexologia de Utrecht (BERNARD, 2002, p. 9).

Em sua compreensão, “a pedofilia não parece ser o principal problema do pedófilo; aparentemente, não é o principal problema da criança. A pedofilia é, antes de tudo, o problema das pessoas que não são pedófilas; isto é, da sociedade em geral”. É, portanto, necessário que “os pedófilos se agrupem em grupos, não só para assistência (mútua), mas também porque, desta forma, continuarão a receber atenção como uma minoria que permanecerá enquanto a sociedade (não pedófilos) continua lutando com sua própria sexualidade.” (BERNARD, 2002, p. 9, tradução livre; 1987a, p.43; 1997, p.7).

Ele registra que “todo o problema da pedofilia é um problema político” e “que os fatos são a base para uma discussão construtiva na política. Em uma discussão sobre pedofilia, é essencial colocar os fatos à mesa antes que qualquer discussão que leve a uma resolução possa começar”, então, precedendo a tentativa de dar informações ou convencer a sociedade, era necessário que se organizasse uma base de conhecimento “científico” através da formação de um grupo de pessoas ativas que, obtendo suporte intelectual de acadêmicos e cientistas se dedicariam à integração da sexualidade infantil e da pedofilia, uma ideia inédita para o assunto até meados do século XX, só depois disso, dizia ele, “um debate sobre, por exemplo, a redução da idade de consentimento pode dar frutos” (BERNARD, 1987a, p. 2 e 3; 1997, p.7).

Seus esforços se iniciam precisamente em 1940 tentando fazer com que pesquisadores se interessassem pelo assunto. À época estabeleceu contato com o Dr. Benno Premisela, primeiro sexólogo da Holanda, entretanto, a ocupação alemã forçou a dissolução da seção holandesa do Comitê Humanitário Científico, fundado pelo Dr. Magnus Hirschfeld em Berlim onde se encontravam (BERNARD, 2002, p. 5; 1987a, p.35; 1997, p.6).

Em 1950, Bernard, funda a *Enclave Kring* [Círculo do Enclave], a primeira organização pedófila do mundo. Sua missão era “quebrar o preconceito sobre as questões de contatos eróticos e relações entre menores e adultos, fornecer informações e conselhos, bem como iniciar um programa de assistência direta” e “tentar desenvolver novas visões morais sobre a pedofilia com base na investigação científica dos fatos, em vez de em julgamentos morais tradicionais que consideram a pedofilia inaceitável” (BERNARD, 2002, p. 5; 1987a, p.36; 1997, p.7). No ano de 1957, após conversas com Bob Ângelo, presidente do COC - *Cultuur en Ontspannings Centrum* [Centro de Cultura e Lazer], uma organização na Holanda dedicada a questões de sexualidade, tentou criar uma seção que se concentrasse na pedossexualidade. Um

encontro nacional de pedófilos chegou a ser anunciado em Haia, mas os diretores da associação ficaram com medo e ela foi proibida (BERNARD, 2002, p. 5; 1987a, p. 36; 1997, p. 6).

No COC, Bernard conheceu o Dr. Edward Brongersma, que viria a ser seu principal companheiro na estruturação do pedoativismo. Obcecado por estudos da sexologia, ele era advogado e um dos juristas mais ilustres da Holanda; foi professor titular do Instituto de Criminologia da Universidade de Utrecht; Presidente do Comitê Judiciário do Senado durante certo tempo de seus dois mandatos como Senador, o primeiro entre 1946-1950 e o outro entre 1963 a 1977. Teve a carreira interrompida em 1950 devido sua prisão por onze meses por fazer sexo com um garoto, evento que lhe tornou ainda mais obstinado na descriminalização da pedofilia, sendo patrono de várias iniciativas pela redução da idade de consentimento dentro e fora do parlamento (BRONGERSMA, 1986, p. 433-435; 1990, p.2).

Para Brongersma, a idade de consentimento era algo irracional, especialmente depois das provas científicas de Freud e Kinsey. Ele defendia que “um menino é maduro para a luxúria, para sexo hedonista, desde o nascimento; sexo como uma expressão de amor se torna uma possibilidade a partir dos cinco anos de idade; a puberdade é o melhor momento para o ‘oceânico’, a experiência mística e para usar o sexo para se unir à natureza. A procriação deve ser privilégio do homem adulto” (BRONGERSMA, 1986, p. 43).

No final dos anos de 1960, os dois holandeses buscaram espaço na *Nederlandse Vereniging voor Sexuele Hervorming* – NVSH [Sociedade Holandesa pela Reforma Sexual], organização de grande influência social e política, com destaque para o meio acadêmico, ao ponto de ser admitida em 1963 como membro da Federação Nacional de Saúde Mental; em 1970 recebeu autorização do Conselho de Curadores da Universidade de Amsterdã para estabelecer uma Cátedra Especial em Sexologia; em 1971 aconteceu o mesmo na Universidade de Leiden. Por volta de 1969 a organização superou os 200.000 (duzentos mil) membros e atingiu o auge de sua importância (NVSH, c2022, p. on-line).

Apesar do caráter progressista, a NVSH rejeitava a pedofilia, todavia, mudou radicalmente graças a influência de Bernard e Brongersma, além de uma outra quantidade quase incontável de reformadores sociais que lhe integravam (BERNARD, 1987a, p. 39; 1997, p.9).

Após a realização da palestra “O Estado como guardião moral”, em 1969, vários membros proeminentes se reuniram objetivando criar um programa para lidar com a questão da pedofilia e, dentre outras ações, foi formada uma comissão de especialistas para estudar o tema. Em 1971 foi organizado o primeiro grupo de trabalho sobre pedofilia dentro de NVSH, dessas medidas o resultado inicial foi a publicação do livro *Sex met Kinderen* [Sexo com Crianças], em 1972, tendo como autores Frits Bernard;

Edward Brongersma; Ids Haagma; W.J. Sengers e Peter van Eeten. A obra revolucionou a visão sobre a sexualidade infantil na Holanda e impulsionou uma série de medidas dedicadas à empreitada de normalizar as relações por toda a Europa (BERNARD, 2002, p. 6; 1987a, p. 39; 1997, p. 9-10), sendo considerada a publicação fundadora do movimento pedófilo internacional (HENSEL, NEEF e PAUSCH, 2015, p. 144).

Ainda em 1972 o grupo ganha âmbito nacional e, a partir de 1973 o NVSH lhe concedeu o status de Comitê do Conselho Principal de Pedofilia (BERNARD, 1997, p. 10). Doravante grupos se multiplicaram por diversas cidades da Holanda sob o guarda-chuva da entidade. O carro chefe era o *Landelijke WerkGroep Pedofilie* (LWGP) [Grupo Nacional de Trabalho sobre Pedofilia] presente em Amsterdam, Deventer, Eindhoven, Goes, Groningen, Den Haag, Maastricht, Nijmegen, Rotterdam, Tilburg, Utrecht, Venlo, Zaandam (N.I.K.S., 1981a, p. 2).

Contudo, a internacionalização do movimento teve como marco histórico cinco congressos internacionais sobre pedofilia realizados em Breda, de 1973 a 1975. Os encontros abriram caminho para o seminário "*Pedofilie em Samenleving*" [Pedofilia e Sociedade], em Amsterdã, 19 de março de 1977, que contou com a participação de mais de duzentas pessoas entre "cientistas", acadêmicos, assistentes sociais, policiais, etc. (BERNARD, 2002, p. 6; 1987a, p. 41; 1997, p. 11-12).

Figura 1 - Frits Bernard e Edward Brongersma<sup>2</sup>



Fonte: Revista NIKS, 1981b, p.7

A partir de então, a NVSH usaria todo o seu prestígio para pressionar diversas autoridades públicas. Em agosto de 1979, por exemplo, peticionou à comissão que analisava alterações no Código Penal solicitando a descriminalização da relação pedófila, justificando que, “estatutos criminais poderiam ser um obstáculo à liberdade dos jovens de se engajar em atividades sexuais mutuamente consensuais, conforme sua escolha”. A petição teve assinatura de várias instituições, personalidades influentes e de partidos políticos como Trabalhista, PSP, D’66, PPR e JOVD11 (SANDFORT, 1987, p. 59).

Entre o final da década de 1960 e início de 1970, a Holanda se tornou uma referência para o desenvolvimento dos movimentos pedófilos em outros países europeus, como Suíça, Bélgica, França, Grã-Bretanha e República Federal da Alemanha. Frits Bernard e Edward Brongersma tornaram-se ícones internacionais e suas avaliações

---

<sup>2</sup> Encontro entre Frits Bernard (esq.) e Edward Brongersma (dir.) na abertura do 1º Congresso Internacional de Pedofilia, em Breda (Holanda), abril de 1973; A Revista NIKS – “Naar Integratie Kinderseksualiteit” [Rumo à Integração da Sexualidade Infantil], editada entre 1977 e 1982, foi uma publicação do “Landelijke WerkGroep Pedofilie” (LWGP) [Grupo Nacional de Trabalho sobre Pedofilia] coordenado pela Sociedade Holandesa pela Reforma Sexual (NVSH) que registrava as ações políticas e outras questões de interesse do ativismo pedófilo holandês e suas ramificações pela Europa.

científicas e iniciativas políticas tiveram um efeito inspirador nas atividades dos pedossexuais em outros países (HENSEL, NEEF e PAUSCH, 2015, p. 144).

Figura 2 - Edward Brongersma (no púlpito)<sup>3</sup>



Fonte: IISH - Instituto Internacional de História Social

## 2.4 ORGANIZAÇÕES PEDÓFILAS

Além do *Enclave Kring* (1950) e do LWGP existiu o JON e KOR sob direção do NVHS; A *Vereniging Martijn* [Associação Martijn] foi criada para tentar influenciar parlamentares e a mídia sobre as características inofensivas das relações pedófilas (HOSQUET, 2003, p. on-line). Após dissolução, seus membros fundaram em 2006 o PNVD, *Partij voor Naasteliefde, Vrijheden Diversiteit* [Partido da Diversidade] para disputar as eleições e levar as pautas pedófilas para dentro do parlamento (JONGE e UITTENBOGAARD, 2009, p. 99) e esteve ativo até 2022 após um período de inatividade (PNVD, 2010, p. 1; 2020, p.1).

Na Alemanha, houve o influente DSAP- *Deutsche Studien- und Arbeitsgemeinschaft Pädophilie* [Grupo Alemão de Estudo e Trabalho sobre Pedofilia], fundado através dos esforços de Bernard e Brongersma com núcleos por dezenas de cidades; o AHS - *Arbeitsgemeinschaft Humane Sexualität* [Grupo de Trabalho sobre Sexualidade Humana] também teve a participação dos dois holandeses como curadores científicos; *Indianerkommune* [Comuna Indígena] e o *Die Kanalratten* [Ratazanas de Esgoto] são outros exemplos (WALTER, 2013). Este último era dedicado exclusivamente à pedofilia lésbica, o que definiam como “o amor entre meninas e

---

<sup>3</sup> Edward Brongersma discursando durante o congresso “Pedofilia e sociedade” em Amsterdam, 19 de março de 1977, organizado pela Sociedade Holandesa pela Reforma Sexual NVSH (IISH, 2021, on line).

mulheres adultas que é voluntário e inclui satisfação sexual” (KANALRATTEN, 1992, p. 92); permanecem ativos o AHS (AHS, c2022) e o KRUMME-13 (KRUMME-13, c2022).

Na Itália, existiu o *Gruppo P* [Grupo de Pedófilos], em 1989; DPA - *Danish Pedophile Association* [Associação Dinamarquesa de Pedófilos]; Na Grã-Bretanha PIE - *Pedophile Information Exchange* [Troca de informações sobre pedófilos] (O'CARROLL, 2013, p. 4).

Nos EUA, os primeiros grupos a se estruturarem foram o *René Guyon Society* [Sociedade René Guyon] e *Childhood Sensuality Circle* (CSC) ou Círculo da Sensualidade Infantil, respectivamente em 1962 e 1971 (O'CARROLL, 2013, p. 177); Project Truth/Free Will [Projeto Verdade/Livre Arbítrio] (IPCE, 1990, p. 2) e, ativa desde 1978 existe a NAMBLA, acrônimo para *North American Man/Boy Love Association* que significa Associação Norte-Americana de Amor Homem/Menino (NAMBLA, 2011, p. on-line).

O IPCE ou *International Pedophile and Child Emancipation* [Movimento Internacional de Emancipação de Pedófilos e Crianças], ativo entre 1987 e 2003, sediado na Holanda, consistiu em uma aliança internacional de organizações defensoras da “emancipação de pedófilos, crianças e jovens” no âmbito dos “relacionamentos intergeracionais consensuais livres” com o objetivo de “coordenar estratégias políticas” para que os diversos grupos soubessem como atuar junto à sociedade na mudança das percepções que consideravam cruciais para o êxito de suas pautas (IPCE, 1997a, p. 16). Em 2005 chegou a contar com 79 (setenta e nove) entidades ao longo de 20 (vinte) países principalmente da Europa (IPCE, 2005, p. 23) e realizou 23 (vinte e três) congressos internacionais, sediados em Amsterdam, Haarlem e Rotterdam na Holanda; Copenhagen na Dinamarca; Berlim, Munique e Hamburgo na Alemanha; Atenas e Mykonos na Grécia, etc. (IPCE, 2011, p. 33-54).

## **2.5 ALGUMAS TEORIAS E REIVINDICAÇÕES**

### **2.5.1 Fim do estigma e alteração da percepção social da pedofilia**

O movimento pedófilo, advoga a tese de que a pedofilia é mais um entre tantos fenômenos da diversidade sexual humana e sempre esteve presente em outras culturas ao longo da história, todavia, a cultura ocidental, após a influência do cristianismo passou a ostracizar essa comunidade como se fossem doentes e criminosos. Assim, um de seus principais objetivos é acabar com estigma que gera o preconceito e ódio contra a população mais marginalizada da história da humanidade (BRONGERSMA, 1984, p. 79; 1986, p. 86-104; 1990, p. 89-101; BLEIBTREU-EHRENBERG, 1990, p. 34; JONGE e UITTENBOGAARD, 2009, p. 23-27 e 87-88; ULLESSTAM, 1967, p. 75-79; AHS, 1997, p. 143; NAMBLA, 2022, p. on-line).

### **2.5.2 Realização de pesquisas científicas objetivas**

Os pedossexuais acreditam que uma das raízes do estigma sofrido é a forma como as pesquisas científicas são realizadas. Alegam que os dados têm origem em ocorrências policiais, ambientes carcerários ou psiquiátricos, contaminando as amostras e levando à conclusão de que todos são criminosos, violentos e com problemas mentais. O fato não ocorreria analisando os relacionamentos pedófilos "normais" em outros ambientes, todavia, pior que isso, são os julgamentos morais (principalmente de influência cristã) dos pesquisadores. Se fizerem pesquisas factuais e amorais a ciência conseguirá demolir a visão estigmatizada do pedófilo, da sexualidade infantil e do relacionamento pedossexual (BERNARD, 2002, p. 7-20; 1997, p. 7; 1987a, p. 47-48; BRONGERSMA, 1986, p. 121-122; SANDFORT, 1983, p. 165-166; RIND e BAUSERMAN, 1997, 136-137).

### **2.5.3 Pedofilia como orientação sexual**

Na percepção do movimento, pedofilia e pedossexualidade são expressões sinônimas e significam tanto a orientação sexual ou erótica dos adultos em relação às crianças quanto as emoções e estilos de vida associados à identidade pedossexual, assim, qualquer tipo de terapia que vise a "cura" do desejo sexual não passa de charlatanismo discriminatório que viola seus direitos humanos. (SANDFORT, BRONGERSMA e NAERSSSEN, 1991, p. 10; RIVAS, 2020, p. 324 e 353; AG-PÄDO-BVH, 1997, p. 134; FREDERIKSEN, 1999, p. 29; B4U-ACT, 2020, p. 8; KRUMME-13, 2022, p. on-line).

### **2.5.4 Distinção entre abuso sexual e relações consentidas**

Usando uma técnica semântica para racionalizar o ato sexual com crianças, asseveram que, reconhecem a existência e repudiam o abuso, todavia, ele não é intrínseco a todas as relações pedossexuais como a sociedade conservadora e antissexual quer fazer crer, pois, podem ocorrer de forma consensual, sem violência ou coerção, inclusive, por iniciativa da própria criança. Por esta razão é que tratam como anedota a afirmação de que o ato sexual traz danos psicológicos para a criança que persistem até a vida adulta (BERNARD, 2002, p. 7-20; BRONGERSMA, 1990, p. 16-27; RIND e BAUSERMAN, 1997, p. 136-137; RIVAS, 2020, p. 343-353; AG-PÄDO-BVH, 1997, p. 135; AHS, 1997, p. 148; VERENIGING MARTIJN, 2008; NAMBLA, 2011, p. on-line; AHS, 1997, p. 147-148; MILLER, 1999, p. 8-9).

### **2.5.5 Autodeterminação sexual das crianças**

Para os pedoativista, já que a autodeterminação sexual é intimamente ligada à liberdade sexual, um aspecto fundamental da dignidade da pessoa humana, cujo caráter é universal, inalienável e irrenunciável, as crianças e pedófilos não podem estar excluídos desta equação, assim, o direito à autodeterminação que inclui, por óbvio, o direito à atividade sexual, tem que ser reconhecido e respeitado. Deve-se permitir que as crianças decidam se, e com quem desejam vivenciar a sexualidade livremente

(BRONGERSMA, 1990, p. 93; SANDFORT, 1987, p. 65; AHS, 1997, p. 149; DAVILA e CRESTLE, 1979, p. 1; AG-PÄDO-BVH, 1997, p. 134; PNVD, 2020, p. 7).

### **2.5.6. Abolição da idade de consentimento**

Para os ativistas, a reforma das leis com a diminuição da idade de consentimento, qualquer que seja ela, se caracteriza em exclusão e preconceito. Reduzir para 14 (catorze) anos, por exemplo, “não é o ideal” dado que “os campos de interesse de um grupo muito grande de pedófilos seriam limitados ou excluídos por esse limite”; “12 anos resolveria esse problema para uma minoria”, mas aí, um novo ponto estaria estabelecido gerando uma nova exclusão àqueles cuja preferência sexual recaísse sobre uma faixa de idade mais baixa, portanto, a única solução real seria a “abolição de todos os limites de idade na legislação moral” (BERNARD, 2002, p. 55 e 56). Entendem que os oprimidos nunca devem compactuar com novas formas de opressão, por isso, nada além da abolição do marco etário interessa (AG-PÄDO-BVH, 1997, p. 134; O’CARROLL, 2013, p. 79; PNVD, 2020, p. 7; NAMBLA, 2010, p. on-line).

Por pragmatismo e estratégia política, concordaram que devem lutar para que a legislação dos seus respectivos países fixe em 12 (doze) anos a idade de consentimento, mas apenas como “um pequeno passo no caminho, um passo intermediário em um caminho mais longo” (IPCE, 1997b, p. 3 e 19).

## **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O ativismo pedófilo consiste em um movimento político-cultural que busca legitimidade na defesa do que chamam eufemisticamente de “amor intergeracional”. Enquanto seus integrantes criam grupos de pressão; realizam pesquisas científicas; publicam livros; artigos; formam pesquisadores; se infiltram em universidades para edificar uma teoria multidisciplinar legitimadora; etc, os legisladores, os órgãos de persecução penal e quase a totalidade da sociedade, incluindo, a classe intelectual e a mídia se mantêm inertes diante do problema. Muitos até tratam a questão como uma mera teoria da conspiração mesmo diante de tantos registros irrefutáveis (resta investigar se de forma intencional, atuando como colaboracionistas ou por pura ignorância).

A valoração do significado do ativismo pedófilo e a sua adoção entre a agenda da política sexual, apesar de ser uma preocupação explícita do autor conforme consignado introdutoriamente, não é alvo de um debate crítico travado ao longo do referencial teórico do trabalho. O objetivo do estudo é dar conhecimento introdutório para que possamos compreender e enfrentar o assunto de maneira incisiva e com repulsa que merece.

Algumas vezes a atuação do movimento é percebida de maneira empírica, todavia, diante da falta de conhecimento tecnicamente embasado os oponentes sucumbem em tentativas estereis de combatê-lo. Jogar luz sobre esses fatos preocupantes apresentando um breve histórico do movimento e suas demandas foi nosso objetivo

devidamente cumprido e é nossa contribuição que pode servir de ponto de partida para compreensão e oposição efetiva, portanto, o nosso objetivo foi cumprido com a simples exposição do fenômeno tal qual está registrado, nesse passo, conseguimos demonstrar de maneira categórica e inquestionável – dado o alto valor das fontes analisadas – a partir da voz de seus próprios idealizadores e integrantes, a existência de um movimento que busca legitimidade na defesa da pedofilia. Isto se concretizou a partir da exposição de seus próprios documentos que registram o histórico de seus atos; conceitos; estratégias e reivindicações aqui evidenciados.

É fato que as ideias que permearão as discussões políticas devem ser combatidas enquanto são pequeninos germes antes que se tornem incontroláveis, portanto, é necessário nos debruçarmos de maneira austera sobre a questão do ativismo pedófilo, antes que as ideias liberais gerem tragédias de consequências sociais incalculáveis.

#### **4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AG-PÄDO-BVH. Presentation of the Pedophilia Working Group in the Federal Homosexuality Association. *In*: FRITS, B. **Pedophilia Unbound: Theory, Research, Practice**, tradução do original Pädophilie ohne Gretzen: Theoria, Forschung, Praxis (Alemão). 1ª. ed. Frankfurt: Foerster Verlag, Cap. VIII, pp. 134-136, 1997.

AHS. Human Sexuality Working Group: Sexuality Between Children and Adults. *In*: FRITS, B. **Pedophilia Unbound: Theory, Research, Practice**, tradução do original Pädophilie ohne Gretzen: Theoria, Forschung, Praxis (Alemão). 1ª. ed. Frankfurt: Foerster Verlag, Cap. IX, pp.140-154,1997.

AHS. Arbeitsgruppen / Arbeitskreise. **AHS On-line**, c2022. Disponível em: <https://www.ahs-online.de/arbeitsgruppen/>. Acesso em: 03 dezembro 2022.

APA. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V)**. 5ª. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

B4U-ACT. **MAP research summary**. 1ª. ed. Maryland: B4U-ACT Research Team, 2020.

BERNARD, F. The Dutch Paedophile Emancipation Movement. **PAIDIKA: The Journal of Paedophilia**, Amsterdam, v. 1, nº 2, pp. 35-45, 1987a

BERNARD, F. On Paedophilia: I. A Center for Paedophiles? II. The Meaning of Paedophilia. **PAIDIKA: The Journal of Paedophilia**, Amsterdam, v. 1, nº 2, pp. 46-48, 1987b.

BERNARD, F. Were we almost there? *In*: BERNARD, F. **Pedophilia Unbound: Theory, Research, Practice**, tradução do original Pädophilie ohne Gretzen: Theoria, Forschung, Praxis (Alemão). 1ª. ed. Frankfurt: Foerster Verlag, Cap. II, pp. 5-20, 1997

BERNARD, F. **Paedophilia: a factual report**. 1ª ed. Roterdã: Books Reborn (pdf version), 2002.

BLEIBTREU-EHRENBERG, G. Pederasty Among Primitives: Institutionalized Initiation and Cultic Prostitution. In: SANDFORT, T.; BRONGERSMA, E.; NAERSSSEN, A. V. **Male Intergenerational Intimacy: Historical, Socio-Psychological, and Legal Perspectives**. 1ª. ed. New York: Routledge, Cap. 3, p. 23-42, 1990

BRONGERSMA, E. Aggression against pedophiles. **International Journal of Law and Psychiatry**, vol.7, n.1, pp. 79-87, 1984. DOI: 10.1016/0160-2527(84)90007-4.

BRONGERSMA, E. **Loving boys: A multidisciplinary study of sexual relation between adults and minor males**. 1ª. ed. New York: Global Academic Publishers, v. I (pdf version), 1986.

BRONGERSMA, E. **Loving Boys: A multidisciplinary study of sexual relations between adult and minor males**. 1ª. ed. New York: Global Academic Publishers, v. II (pdf version), 1990.

COUGHLAN, Geraldine. Grupo que defende pedofilia cria partido na Holanda. **BBC Brasil**. Publicado em 01 jun. 2006. Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2006/06/060601\\_leiholandamp](https://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2006/06/060601_leiholandamp). Acesso em: 14 set. 2022.

DAVILA, V.; CRESTLE, D. Childhood Sensuality Circle: Policy Statement. **CSC Nusletter**, San Diego, v. V, n. 3, p. 1-2, agosto 1979.

FREDERIKSEN, A. Pedophilia, Science, and Self-deception, A Criticism of Sex Abuse. **IPCE Newsletter**, Haia, n. E7, pp.29-35, julho 1999.

GOLDENBERG, Rina. Por 30 anos, experimento em Berlim deu órfãos a pedófilos. **DW - Deutsche Welle**. Publicado em 18 jun 2020. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/por-30-anos-experimento-em-berlim-deu-%C3%B3rf%C3%A3os-a-ped%C3%B3filos/a-53855112>. Acesso em: 18 set 2022

GLUCK, Genevieve. "Queer" Academic Suggests Pedophilia Be Taught in Schools as an Innate Sexuality. **Reduux: feminist News and opinion**. Publicado em 9 jun 2022. Disponível em: <https://reduxx.info/queer-academic-recommends-pedophilia-be-taught-in-schools-as-an-innate-sexuality/>. Acesso em: 20 set 2022.

HENSEL, A.; NEEF, T.; PAUSCH, R. Von "Knabenliebhabern" und "Power-Pädos": Zur Entstehung und Entwicklung der westdeutschen Pädophilen-Bewegung. In: WALTER, F.; KLECHA, S.; HENSEL, A. **Die Grünen und die Pädosexualität: eine bundesdeutsche Geschichte**. 1ª. ed. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, pp. 136-159, 2015.

HOSQUET, R. Interview 'Een goed gesprek met Duif - De beginjaren van Martijn' door Rocco Hosquet. **OK Magazine**, v. n°. 83/84, janeiro 2003. Disponível em: [https://www.brongersma.info/Een\\_goed\\_gesprek\\_met\\_Duif\\_-\\_De\\_beginjaren\\_van\\_Martijn](https://www.brongersma.info/Een_goed_gesprek_met_Duif_-_De_beginjaren_van_Martijn). Acesso em: 15 out. 2022.

IPCE. **IPCE Newsletter**. n°. 3, Amsterdam: Ipce, 1990

IPCE. **IPCE Newsletter**. n° E1, Haia: Ipce, 1997a.

IPCE. **IPCE Newsletter**. n° E2, Haia: Ipce, 1997b.

IPCE.. **IPCE website**, 1997c. Disponível em: <https://www.ipce.info/>. Acesso em: 1 ago. 2022

IPCE. **IPCE Newsletter**. n° E19, Haia: Ipce, 2005.

IPCE. **IPCE Newsletter**. n° E30, Haia: Ipce, 2011.

IISH. Catálogo: Edward Brongersma (arquivos online). Disponível em: <https://hdl.handle.net/10622/B465873B-ECA7-461D-BB79-611AEB5CCBF7>. Acesso em: 01 set 2022.

JONGE, N. D.; UITTENBOGAARD, M. **De rede in het nauw**. 1ª. ed. Leiden: PNVD, 2009.

KANALRATTEN. The Kanalratten Manifest. **PAIDIKA: The Journal of Paedophilia**, Amsteram, vol. 2, n°. 4, pp. 92-93, 1992.

KRUMME-13. Pädö-FAQ (Häufig gestellte Fragen zur Thematik Pädosexualität/Pädophilie). **K-13 on-line**, 11 fev. 2022. Disponível em: <https://krumme13.org/text.php?id=102&s=read>. Acesso em: 01 out. 2022.

KRUMME-13. Home. **K-13 On line**, c2022. Disponível em: <https://krumme13.org/index.php>. Acesso em: 05 out. 2022.

MARTIJN, F. M. et al. Sexual Attraction and Falling in Love in Persons with Pedohebephilia. **Archives of Sexual Behavior**, v.49, n.4, pp. 1305-1318, 2020. DOI: 10.1007/s10508-019-01579-9

MILLER, D. Studies call sex panic into question. **NAMBLA Bulletin**, vol. 19, n. 3, pp. 8-9, 1999 (republicado on-line). Disponível em: <https://www.nambla.org/newstudies.html>. Acesso em: 15 out. 2022.

N.I.K.S. **Naar Integratie Kinderseksualiteit**. n° 9, Rotterdam: NVSH-LWGJ, 1981a.

N.I.K.S. **Naar Integratie Kinderseksualiteit**. n° 2, Rotterdam: NVSH-LWGJ, 1981b.

NAFP. Historien om NAFF. **Pedofili.eu**, Oslo, 2010. Disponível em: <https://www.pedofili.eu/Nafp.htm>. Acesso em: 14 out. 2022.

NAMBLA. Frequently Asked Questions About NAMBLA. **NAMBLA website**, San Francisco, 2010. Disponível em: <https://www.nambla.org/faq.html>. Acesso em: 13 ago. 2022.

NAMBLA. Who we are. **Nambla website**, San Francisco, 2011. Disponível em: <https://www.nambla.org/welcome.html>. Acesso em: 13 out. 2022.

NAMBLA. Cross-Cultural Studies. **NAMBLA website**, San Francisco, 2022. Disponível em: <https://www.nambla.org/anthro.html>. Acesso em: 14 out. 2022.

NEWGON. Minor Attracted Person. **Newgon.net**, 2022. Disponível em: [https://www.newgon.net/wiki/Minor\\_Attracted\\_Person#cite\\_note-1](https://www.newgon.net/wiki/Minor_Attracted_Person#cite_note-1). Acesso em: 14 out. 2022.

NVSH. Normal & Abnormal Sex. **NVSH website**, ? Disponível em: <https://www.sexualskills.co.uk/sex-society/sexual-variants/normal-abnormal-sex/>. Acesso em: 16 julho 2021.

NVSH. Geschiedenis NVSH. **NVSH website**, c2022. Disponível em: <https://www.nvsh.nl/over-de-nvsh/geschiedenis-nvsh/geschiedenis/>. Acesso em: 2022 jan. 19.

O'CARROLL, T. **Paedophilia: The Radical Case**. 1ª. rev. ed. London: Peter Owen (pdf edition), 2013.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. D. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2ª (pdf). ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

PNVD. **PERSBERICHT**: Partij voor Naastenliefde, Vrijheid & Diversiteit (PNVD) ontbonden. Leiden: PNVD, 2010.

PNVD. **PNVD partijprogramma 2020-2021**. 1ª. ed. Leiden: PNVD, 2020.

RIND, B.; BAUSERMAN, R. Psychological correlates of male child and adolescent sexual experiences with adults: A review of the nonclinical literature. **Archives Sex Behavior**, v. 26, n. 2, pp. 105-141, 1997. DOI: 10.1023/A:1024581610658.

RIVAS, T. **Positive memories**: Cases of positive memories of erotic and platonic relationships and contacts of children with adults, as seen from the perspective of the former minor. 1ª. ed. Haia: IPCE, 2020.

ROGERS, Thomas. A Major German Political Party Used to Support Pedophilia - And It's Coming Back to Haunt Them. **New Republic**. Publicado em: 24 nov 2014. Disponível em: <https://newrepublic.com/article/120379/german-green-party-pedophilia-scandal>. Acesso em: 20 set 2022

SANDFORT, T. Pedophile Relationships in the Netherlands: Alternative Lifestyle for Children? **Alternative Lifestyle**, vol. 5, n.3, pp. 164-183, 1983. DOI: 10.1007/BF01091326.

SANDFORT, T. **Boys on their contacts with men: a study of sexually expressed friendships**. 1ª. ed. New York: Global Academic Publishers, 1987.

SANDFORT, T.; BRONGERSMA, E.; NAERSSSEN, A. V. Man-Boy Relationships: Different Concepts for a Diversity of Phenomena. **Journal of Homosexuality**, v. 20, n. 1-2, pp. 5-12, 1991. DOI: 10.1300/J082v20n01\_02.

SETO, M. Is Pedophilia a Sexual Orientation?. **Archives of Sexual Behavior**, v.41, n. 1, pp. 231-236, 2012. DOI: 10.1007/s10508-011-9882-6.

SHARP, G. **Poder, luta e defesa: Teoria e prática da ação não-violenta**. 1ª. ed. São Paulo: Edições Paullinas, 1983.

ULLESSTAM, L. **As minorias eróticas**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Lidador, 1967.

VERENIGING MARTIJN. Dutch Law. **Martijn.org**, 2008. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20080212091616/http://www.martijn.org/page.php?id=212000>. Acesso em: 9 setembro 2020.

WALTER, F. **Die Pädophiliedebatte bei den Grünen im programmatischen und gesellschaftlichen Kontext**. 1ª. ed. Göttingen: Institut für Demokratieforschung, University of Göttingen, 2013.

WILLIAMS, L. C. A. **Pedofilia: identificar e prevenir**. 1ª. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012.